



Gay

gay@timeout.pt

Quem é o desconhecido do lago? Talvez seja Henri, o homem gordo de meia-idade que se senta à beira da água e espera que a vida mude sozinha. Ou Franck, o jovem que procura sexo anónimo no bosque junto ao lago. Ou então Michel, um críptico corpo sexual que todos namoram. Talvez seja, enfim, o morto que aparece a boiar, segredo de polichinelo nesta história. Ou se calhar não é nenhum deles.

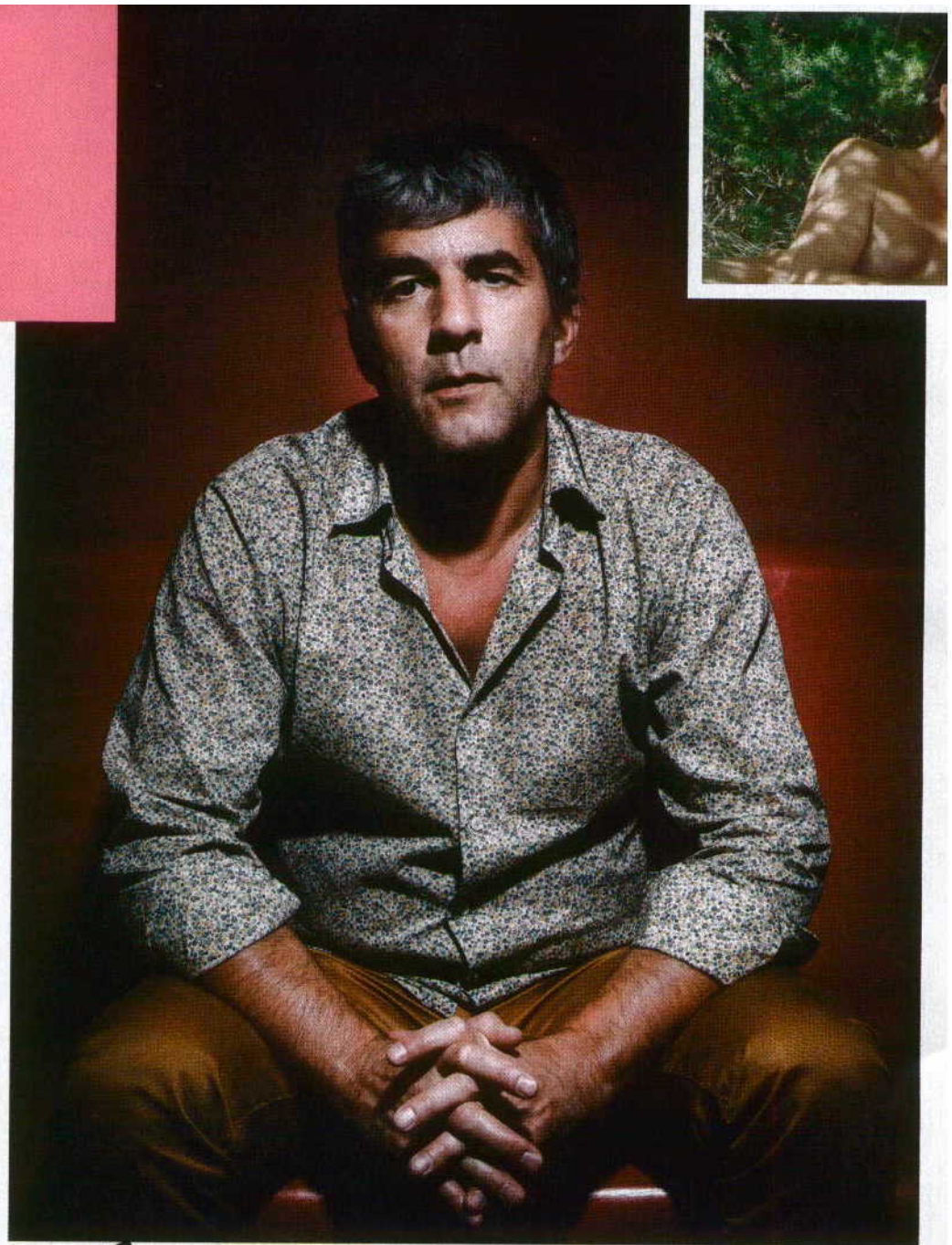
“Fiz um filme em torno da questão do desejo, sobre o que é o desejo”, explica o realizador, Alain Guiraudie, em conversa com a Time Out. “Procurei evocar o mistério do desejo, é um assunto que me fascina. O desejo não apenas homossexual e não apenas sexual. O desconhecido, aqui, pode muito bem ser o desejo.”

Alain Guiraudie esteve em Lisboa na semana passada para participar no Lisbon & Estoril Film Festival. Foi homenageado com uma retrospectiva integral que incluiu *O Desconhecido do Lago*, com estreia comercial agendada para esta quinta-feira. O filme ganhou em Maio, no festival de Cannes, a Palma Queer, prémio criado em 2010 para o melhor filme de temática LGBT, e ainda o Prémio de Melhor Realização na secção *Un Certain Regard*.

É um Verão francês à beira-lago com homens solitários à procura de companhia para uns minutos de prazer. O engate acontece numa mata vizinha (é inevitável, para os lisboetas, pensar na Praia 19 da Costa da Caparica, porque a coreografia é a mesma).

É assim que Franck (Pierre Deladonchamps) conhece Michel (Christophe Paou). Henri (Patrick d'Assunção, actor francês de origem portuguesa), pelo contrário, não engata mas procura companhia, tal como os outros. E de repente, dá-se o homicídio de um desses buscadores de sexo, facto que parece não alterar em nada a rotina daqueles homens. “O crime é uma metáfora dos amantes ultra-liberais dos dias de hoje que descartam rapidamente as pessoas com quem tiveram sexo”, comenta o realizador.

A entrevista decorre no



“É importante erotizar corpos velhos e gordos”

O realizador Alain Guiraudie conversa com **Bruno Horta** sobre o filme *O Desconhecido do Lago*. E explica porque é que filmou imagens pornográficas. O retrato é de **Gonçalo F. Santos**.

Cinema Monumental, ao fim do dia. Alain Guiraudie mostra-se interessado em debater as várias interpretações que a história desperta. Não fala inglês, apenas francês, mas mesmo na sua língua luta com as palavras, como se não tivesse, e parece não ter, um discurso formatado

sobre aquilo que faz.

Anda às voltas para explicar as cenas de sexo explícito do filme. “Retirei a carga pornográfica do acto sexual e juntei órgãos sexuais em funcionamento a grandes imagens de amor”, diz ao início. E acrescenta: “A paixão amorosa passa pelo sexo e o sexo são os

órgãos em funcionamento.” Por fim, remata: “Acho que vivemos num mundo com cada vez mais imagens pornográficas, mas não me deixei influenciar por isso, penso até que estou contra a corrente. Quero unir imagens de sexo a imagens amorosas, à paixão e até mesmo a uma narrativa, ou



Michel e Franck
à beira do lago

seja, à palavra. Às vezes parece que temos um cinema de segunda, que é pornográfico, e um grande cinema lírico, que mostra os beijos e o amor. É importante que ambos se juntem.”

Alain Guiraudie nasceu há 49 anos em Villefranche-de-Rouergue e vive em Albi, uma cidade de 50 mil habitantes perto de Toulouse, em França. O ambiente rural é-lhe familiar e por isso o representa tanto no grande ecrã. Assim é em *O Desconhecido do Lago* e assim foi em *O Rei da Evasão*, que os portugueses puderam ver em 2010.

“É importante defender o mundo rural e erotizar corpos que não costumam ser erotizados no cinema: velhos, gordos e pessoas com mais de 30 anos, que também têm direito à sexualidade e ao prazer”, defende.

A ruralidade e às personagens pouco óbvias alia um discurso marginal sobre a homossexualidade. Daí que a Palma Queer o perturbe um pouco. “Deram-me e aceitei, até porque o presidente do júri era João Pedro Rodrigues, por quem tenho enorme admiração. Recusar o prémio teria sido pretensioso, mas não páro de me questionar. *Queer* é uma ideia política que implica uma certa abertura ao mundo. Nesse caso, porque é que filmes sobre heterossexuais não recebem prémios *queer*?”

O realizador entende que as palavras *gay* e *queer* resultam de uma americanização das sociedades e do ambiente politicamente correcto em que vivemos. Aplicadas ao cinema, afirma, são palavras que “não fazem sentido” por não corresponderem a géneros cinematográficos. “Na Fnac, em França, e penso que aqui em Portugal também, há uma secção de filmes e livros *gay*. Ao mesmo tempo, Pedro Almodóvar ou André Téchiné não são vendidos como realizadores *gay*. Só os autores menos conhecidos é que entram nessa categoria. Quando se atinge um certo sucesso, sai-se da categoria. Espero que os meus filmes possam ser vistos como filmes universais.”

Ver crítica e horários na secção *Filmes*.